



CORPO DE DELITO

A noite e o tempo
(in)certo – II

Importante é que, ao contrário do protagonista de **A Única História**, de Julian Barnes, não se fique satisfeito por não repetir os erros dos outros; o que mais importa é não repetir os nossos.



Rui Patrício

No texto de que este é continuação, a noite era sem sono, e nela tudo era mais escuro, faltava um pouco mais – por exemplo, um pouco mais de carinho, *et cetera* – e passado e futuro pareciam cheios de encontros desconstruídos, que não saciam, e que nunca são no tempo certo (por antecipação ou por atraso). Mas no mesmo texto acabava-se dizendo que há que esperar, para começar esperar pelo clarear do dia, pois a noite pode enganar e sabe-se lá o que virá e o que se verá. Pois bem, a noite nunca engana, mas sempre engana. Mesmo que Melville, em “A Piazza”, não tenha inteira razão quando diz no final que a verdade chega com a escuridão, a noite insone não engana porque o que nela se sente e pensa é verdade, na justa medida em que existe, pelo menos nessa altura, e de algum lado há de vir. Se há dor, há causa; se há sintoma, há doença. Mas ela também engana sempre, porque deforma e hiperboliza, seja a alegria, seja a tristeza, e não permite ver mais largo e mais claro. Para isso é preciso o dia. Melhor, são precisos os dias, o tempo, a vida, a lucidez – talvez o que se chama maturidade ou, pelo menos, experiência. Não que nos conformemos, não que desistamos, mas podemos ver melhor e mais ao longo do tempo, de preferência sob a luz dos dias. E, com essa visão, podemos talvez melhor saber se, afinal, o que há chega ou não chega, podemos escolher (se pudermos), podemos decidir, e lutar, e trabalhar, seja no “pouco mais” seja na aceitação da sua ausência. Preciso é que não fiquemos amarrados ao negro da insónia ou à fantasia da festa noturna. Os dias ensinam, por

exemplo, que o carinho é algo muito relativo, que depende de muitas coisas, desde logo das medidas que cada um tem do que é preciso e do que pode, receber e dar, depende das vivências, depende da biologia, da cultura, de tanta coisa. Até, por exemplo, de se ter ou não um maior ou menor sentido de perda. No recente **Sabotagem**, de Pérez-Reverte, Maria Onitsha explica sabiamente a Falcó porque é que as mulheres negras são tão carinhosas: “(...) houve um tempo em que vendiam ou matavam os nossos homens, e nunca sabíamos quanto tempo é que íamos estar com eles”. São coisas como estas que se podem aprender quando se relativiza um pouco, ou mesmo se dá as costas à noite sem sono e ao que nela se viu. E se pensa, em silêncio (os silêncios educam o olhar), ou se conversa (os diálogos também o educam). E não há um tempo certo para os encontros, ou melhor, todos os tempos são certos, porque são assim, são o que são, os pares encontram-se quando se encontram, e não quando se fantasia que se deveriam encontrar. A música é a que é, os passos são os possíveis e os corpos ajeitam-se ou não. E as coisas servem ou não servem, chegam ou não. E nem tudo é como diz o urubu da insónia, nem tudo é tão claro como anuncia o colibri juvenil da fantasia. É o que é, o melhor possível. O tempo é sempre o errado e é sempre incerto, mas é tão certo quanto real. E se serve ou não, cada um saberá, na mestria das suas possibilidades, para as quais a insónia é péssima conselheira e má amiga das coisas vivas. Quando o dia clarear, ver-se-á. E sabe-se lá o quê. Importante é que, ao contrário do protagonista de **A Única História**, de Julian Barnes, não se fique satisfeito por não repetir os erros dos outros. O que mais importa é não repetir os nossos.

Escreve quinzenalmente
à sexta-feira